

Sobre Daniel Augusto da Silva, por ocasião do bicentenário do seu nascimento

Ana Patrícia Martins

(Escola Superior de Educação de Viseu / CIUHCT)

anapatmartins@gmail.com

Daniel Augusto da Silva (1814-1878) é reconhecidamente um dos mais importantes matemáticos portugueses do século XIX. Por ocasião do bicentenário do seu nascimento, contribuimos para um maior conhecimento das actividades desta figura singular, referindo-nos a diferentes facetas – matemático, professor, académico.

Nasceu em Lisboa, em 16 de Maio de 1814. Casou-se aos 44 anos com Zeferina d’Aguiar (?-1891), natural da ilha da Madeira, e juntos tiveram um filho, Júlio Daniel da Silva (1866-1891). Pretendendo candidatar-se a um lugar de lente na Escola Politécnica, Júlio foi aconselhado por Francisco Gomes Teixeira (1851-1933) a estudar assuntos de Astática, reivindicando para seu pai um lugar na fundação dessa área. Faleceu sem cumprir esse projeto.

A formação académica de Daniel da Silva foi diversificada, em Ciências Físico-Matemáticas, Ciências Militares e Filosofia Natural. Ingressou na Academia Real de Marinha no ano de 1829, com 15 anos, onde completou o *Curso Mathematico* de três anos, tendo obtido prémios pelo seu mérito. Pediu admissão à Companhia dos Guardas Marinhas no mesmo mês, apresentando-se em Outubro seguinte. Ingressou na Academia Real dos Guardas Marinhas no posto de Guarda-Marinha, com 19 anos, terminando o curso em Agosto de 1835. Em Setembro obteve licença para cursar na Faculdade Mathematica da Universidade de Coimbra, onde estudou às expensas da Marinha. Ainda em Novembro solicitou permissão para ingressar no recém-criado Instituto das Ciências Físicas e Matemáticas de Lisboa mas logo em Dezembro foi anulada a lei que o havia criado. Matriculou-se na Faculdade Mathematica no ano letivo de 1835-36, obteve prémios por mérito e terminou o curso em Julho de 1839, com 25 anos, obtendo o grau de bacharel.

Obtido o grau de bacharel em Matemática em 1839, regressou à Companhia dos Guardas Marinhas, assumindo entre 1844 e 1845 o cargo de examinador da cadeira de Artilharia, Geografia e Hidrografia da Academia Real dos Guardas Marinhas.

A sua atividade profissional foi dedicada em exclusivo à docência na Escola Naval desde a sua fundação em 1845 e até ser jubulado em 1865. Foi lente substituto das 1.^a e 2.^a cadeiras, onde ensinou Astronomia, Óptica e Mecânica e, a partir de 1848, lente proprietário da 3.^a cadeira de Artilharia, Fortificação, Geografia e Hidrografia. Por motivos de doença esteve ausente durante um período de sete anos, de 1852 a 1859, sendo com 45 anos afastado de todo o serviço militar por ser considerado incapaz de serviço ativo. A sua debilidade geral diz-se, então, dever-se a excesso de trabalhos intelectuais. No início da sua carreira docente mostrou-se preocupado em zelar pela qualidade da instrução dos futuros oficiais de Marinha, tendo participado na elaboração de propostas de reforma dos estudos. Não produziu compêndios que pudessem servir nas aulas da Escola Naval – não queria “debutar” na ciência por um compêndio; antes com um trabalho onde aparecessem incontestáveis e fundamentais novidades para a ciência. Reformou-se em Dezembro de 1868 no posto de capitão-de-fragata.

Estreou-se no meio científico com 35 anos, oferecendo, em Fevereiro de 1850, à Academia das Ciências a *Memoria sobre a rotação das forças em torno dos pontos de aplicação*, valendo-lhe a nomeação como sócio correspondente em Junho seguinte. A maioria da sua produção científica foi publicada por essa corporação científica. Aos 45 anos foi-lhe atribuída a mais alta das distinções, de sócio de mérito, com base no mérito científico das obras que ofereceu no espaço de dois anos, entre 1850 e 1852 – duas memórias em Astática e outra em Teoria dos Números, totalizando 359 páginas. Das comissões que integrou, destacam-se uma para estudar a organização do Observatório Astronómico de Lisboa, em 1874, e outra para nomear lugares de astrónomos de 1.^a classe para o mesmo estabelecimento, em 1878. Em 1877 sugeriu dar uma dimensão internacional ao *Jornal das Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, defendendo a escrita em francês mas não obteve receptividade da parte dos académicos da 1.^a classe.

A ligação que manteve com empresas e sociedades nacionais determinou o seu interesse científico por áreas do campo das ciências aplicadas - no caso dos montepios de sobrevivência, a investigação em assuntos de Cálculo Actuarial e, no caso da Companhia Lisbonense de Iluminação, a Gás, os estudos sobre a Teoria da chama. Compôs escritos em várias áreas das Matemáticas puras e aplicadas, podendo